

## **FEMINISMO VERSUS MACHISMO – AUTORAS MULHERES NA LITERATURA DE CORDEL**

**Prof. Dr. Joseph M. Luyten**

### **MACHISMO VERSUS FEMINISMO**

Um dos assuntos muito recorrentes em debates acadêmicos de hoje em dia é o referente a Machismo e, conseqüentemente, o de Feminismo nas relações sociais. O que pouco se discute é o porquê da existência de um e outro. Acreditamos que, para se entender um pouco melhor essa dualidade, devemos nos reportar tanto à História como aos meios de produção econômica nas referidas épocas.

Assim, no início dos agrupamentos humanos, a atividade mais recorrente era a de “caçadores e coletores”. Como a mobilidade era muito grande e instável, a necessidade de posse de terra não era considerada e a constituição de laços permanentes de família era de pouca importância.

Mais tarde, quando o ser humano já se preocupava com a domesticação de animais para melhor usufruir de suas atribuições, já havia uma delimitação maior do espaço geográfico, embora ainda muito variável mas ainda não se via muita precisão de uniões familiares permanentes e estáveis ou então casos de predomínio da mulher como centro do sistema social, ou seja, importância à matrilinearidade.

Foi somente com a instalação de regimes sistemáticos de exploração agrária que tanto a terra passou a ter valor como a organização regular da família tornou-se imperiosa. Isso porque, em regimes econômicos baseados na agricultura existem determinadas épocas como a de plantio ou a de colheita em que é necessária a junção de todos, sob um comando unificado, para que haja um rendimento aceitável. Nesses casos, a autoridade paterna é inconteste e, freqüentemente, encontramos até casos de poder absoluto deste sobre os demais membros da família.

Nos lugares e nas épocas em que predomina o sistema de exploração agrária, com a conseqüente valorização da posse de terra é que vamos encontrar o predomínio da autoridade masculina, com a conseqüente constituição oficializada de família e, ainda, a valorização da virgindade da mulher solteira como objeto de troca.

Nestas situações, a autoridade masculina e, sobretudo, a paterna sequer são questionadas. Isso acontece apenas quando o grupo social passa para outro tipo de atividade econômica como a exploração industrial e, mais modernamente, a de serviços. Nestes casos, especialmente as mulheres vão se posicionar contra uma situação de domínio que lhes parecerá

incômoda e anacrônica. É por isso que não se fala em machismo na Idade Média européia, nos países pós-industrializados de hoje ou em nações sob regime comunista (onde não há propriedade).

Atualmente, somente em algumas regiões mediterrâneas européias é que ainda há predomínio da exploração agrária ou, então, em toda a América Latina. Por isso, com as mudanças sociais e econômicas pelas quais essas áreas hoje passam, há um confronto cada vez maior entre as posições machistas ligadas ao sistema agrário e as feministas ligadas a novos sistemas como prestação de serviços.

Justamente num país como o Brasil onde, até meados do século XX, cerca de 75% da população vivia em regiões rurais e, menos de 50 anos após, acontecia o inverso: mais de 75% da população em regiões urbanas, podemos notar uma das maiores migrações internas de todos os tempos e mudanças sociais das mais drásticas imagináveis.

Desta forma, a posição da mulher brasileira, de subserviência total ao pai, marido e filhos, inserida nos serviços domésticos pelo casamento e auxiliando o marido na lavoura, muda completamente quando a família se muda para a cidade e os dois passam a trabalhar fora de casa para o sustento do grupo. Há, então, uma conseqüente revolta contra tentativas de prolongamento de sistemas considerados normais anteriormente. Isso já aconteceu em outras sociedades como os atuais países pós-industrializados ou nações (ex)comunistas, onde a igualdade de sexos se tornou inconteste (não sem muita luta da parte das mulheres em questão).

No Ocidente inteiro, ao longo da História, as Artes e a Literatura têm mostrado este reflexo das situações sociais dos diversos países. Nas áreas eruditas, isso se deu desde a época da Renascença e, assim, expressões como Classicismo, Romantismo, Realismo, Modernismo etc. adquirem expressões muito mais significativas ao se pensarem os valores atribuídos às mulheres e à sua perene luta por maior independência e emancipação.

A cultura popular, além de ser mais ligada à região em que subsiste, tende a ter evoluções muito vagarosas sendo, desta maneira, considerada conservadora e/ou anacrônica do ponto de vista de outros predomínios culturais como a massiva, onde a constante remodelação de valores e atitudes chega muitas vezes a confundir o público receptor.

Mesmo assim, no Brasil de nossos dias, onde várias atividades econômicas coexistem e onde as transformações sociais são intensas, a Comunicação Popular, especialmente a Literatura Popular em Verso por um lado ainda procuram se manter fiéis aos moldes do passado, ao passo que, por outro, há uma forte tendência de adaptação a modelos mais de acordo com os sistemas de vida urbanizados.

## **A MULHER COMO OBJETO DA LITERATURA DE CORDEL**

Há dois aspectos a serem tratados aqui: a mulher descrita pela literatura popular em verso, Literatura de Cordel ou pela mulher autora de cordel ou de cantoria (aspecto oral que precede ou coexiste com a produção de folhetos).

Os dois lados têm, sem dúvida alguma, os seus encantos mas, neste estudo, daremos maior importância à mulher quando produtora de cantorias e de folhetos de cordel. Entretanto, dedicaremos algum espaço para a pessoa da mulher como é tradicionalmente vista pelos poetas de cordel.

Já, segundo Maria Francinete de Oliveira, em sua dissertação de Mestrado A representação da mulher na literatura de cordel (OLIVEIRA, 1981 p.32) vemos que esta ocupa três posições determinadas:

- a) a mulher bendita
- b) a mulher propriedade
- c) a mulher maldita

Ela pesquisou cerca de 400 folhetos e utilizou 58, sendo, respectivamente 7 pertencentes ao item (a), 26 ao (b) e 25 ao item (c). Quanto à “mulher bendita”, trata-se de virgens análogas a Nossa Senhora, portanto, frágeis, sublimes e dignas de respeito e veneração. A “mulher-propriedade” ou a submissa ao homem, é aquela tipo filha de fazendeiro, esposa honesta, que ora é raptada por algum vaqueiro ou seduzida por um malfeitor. Ela é o protótipo de mulher que vive sob a tirania de algum pai, marido ou filho. A terceira categoria, a “mulher maldita” é aquela que não obedece às leis de seu senhor e soberano e é geralmente classificada como prostituta, traidora ou devassa. Não há na literatura popular meio termo para as mulheres. Ou são santas, ou passivas ou desprezíveis. Isso condiz, exatamente com o que afirmávamos acima, no assunto “Machismo versus Feminismo”.

Em outras palavras, enquanto a Literatura de Cordel se ativer essencialmente a seu público tradicional, que tem por referência um mundo regido pelo ciclo agro-pecuário, o domínio do elemento masculino é praticamente incontestado e todos os valores, inclusive as exceções, são ditados por essa visão de realidade.

Como, nos anos recentes, tivemos no Brasil uma das maiores migrações internas de toda a História da humanidade, e como boa parte da população rural passou a pertencer às camadas periféricas urbanas, tão ou mais pobres do que antes, é lógico que suas observações da realidade

social tenha se mudado drasticamente. Há ainda o agravante de que os novos moradores de aglomerados citadinos, através dos meios de comunicação de massa, notadamente o rádio e a televisão, têm constantemente diante de si a diferença abissal que os separa dos mais beneficiados pela fortuna. Este assunto já foi exaustivamente tratado por uma obra nossa Literatura de Cordel em São Paulo – Saudosismo e Agressividade (LUYTEN, J. 1981), além de outros artigos de nossa autoria. Os poetas populares, no entanto, continuam a se manter fiéis a seu público e não são cegos diante dessas transformações e, embora haja uma continuação de publicações e re-edições de obras que podemos chamar de tradicionais, os temas são tratados, cada vez com maior frequência, a essas novas condições. Muitos pesquisadores de cunho tradicionalistas não veem essas mudanças com bons olhos e vários deles até deixam de considerar a moderna Literatura de Cordel como Folclore ou como Folkcomunicação. Nosso ponto de vista, porém, se permite fazer uma analogia da literatura popular com a erudita. Assim, não podemos esperar de algum autor de nossos dias o mesmo ambiente cultural de escritores do passado. Se o mundo transformou-se drasticamente para a literatura “oficial”, o mesmo aconteceu com a popular.

### **MULHERES CONSUMIDORAS DE LITERATURA DE CORDEL**

Na obra recém-publicada (2001) de Ana Maria de Oliveira Galvão – Cordel leitores e ouvintes (GALVÃO, A – 2001) Observamos o seguinte, no item “Homens e mulheres? Meninos e meninas? (p.96-97):

Algumas pesquisas apontam o público leitor de folhetos como predominantemente masculino. ... Os resultados de (minha) pesquisa podem nuançar esse tipo de aformação. Das 29 pessoas com quem conversei, 23 eram homens e seis eram mulheres. Dos 23 homens, treze conheciam folhetos, mas não eram leitores ou ouvintes e três não eram leitores; sete eram leitores ou ouvintes e três não conheciam folhetos. Entre as seis mulheres, três se disseram não leitoras e uma afirmou que não conhecia cordel. Dos nove sujeitos que entrevistei, todos leitores/ouvintes de folhetos, cinco eram homens e quatro eram mulheres. A princípio, parece haver, realmente, uma ligeira predominância masculina entre os leitores/ouvintes. ...

Entretanto, é sobretudo o espaço em que as leituras/audições de folhetos se davam que diferenciavam, significativamente, os leitores/ouvintes pertencentes a um e outro sexo.

Inicialmente, nas feiras, os homens pareciam compor a maior parte daqueles que se aglutinavam em volta do vendedor para ouvir a leitura de folhetos. ... No espaço privado, por outro lado, a situação era diferente: as mulheres pareciam compor, sem maiores restrições, o público leitor de folhetos. ...

Os resultados da pesquisa parecem indicar, pois, que mulheres, meninos e meninas constituíam parte significativa do público leitor/ouvinte de folhetos, mas, na maioria dos casos, cumpriam seus papéis principalmente no espaço doméstico.

## **MULHERES AUTORAS DE LITERATURA DE CORDEL**

Este é um assunto relativamente novo e aqui vamos nos referir tanto à produção de livretos como à cantoria que é a parte oral que tanto precede como coexiste ao aspecto escrito. A diferença aqui, tanto no presente como no passado, é que sempre há maiores dificuldades em se registrar as produções de cunho oral. Já o pesquisador Walter Tenório-Pontes, em sua obra Machismo – Literatura de Cordel (TENORIO-PONTES, W. p.24) cita que:

No Catálogo – Tomo I, da Casa de Rui Barbosa, certamente a mais completa colectânea publicada até hoje (1964), onde constam 1.000 títulos de folhetos com indicação bibliográfica. O que nos chamou a atenção, além dos próprios títulos – matéria abundante para muito trabalho – foi a relação de autores que chega a 192 para um total de 1.000 títulos de folhetos. Nestes 192 autores todos são nomes masculinos; nem sequer um só nome feminino para fazer excepção à regra. Encontramos nesses dados já um ponto para o encaminhamento dos nossos estudos. Será que se trata de puro acaso o facto desta colectânea não incluir um só autor (autora) do sexo feminino ou constituirá um acto deliberado conscientemente? Num caso como noutro o resultado é flagrante da predominância do sexo masculino na literatura de cordel. Se os autores, por uma razão ou por outra, não conseguiram citar uma só autora, uma só trovadora, é que realmente o “sexo fraco” não se interessa pelo cancionero nordestino.

Em nosso trabalho A Literatura de Cordel em São Paulo – Saudosismo e Agressividade (LUYTEN, J. p.53):

Citamos, a seguir, relatos a respeito da possível primeira peleja de que se tem notícia em São Paulo. Trata-se de um desafio entre uma jovem do povo e um cantador famoso:

*Maria do Riachão*

Segundo as crônicas da época, quando Pedro I soltou o célebre grito do Ipiranga, os primeiros vivas de contentamento partiram de caboclos lavradores que formavam um núcleo nas redondezas do local hoje histórico. Entre esses caboclos existiam numerosos

cantadores e famosos violeiros. Dentre os cantadores, porém, estava-se uma mulher – a Maria Riachão. Cabocla jovem e bonita, no entanto, era melhor cantadora do que os seus cortejadores, Além de possuir uma voz bem timbrada, rimava com espantosa facilidade. Daí, ela dizer a todo momento que seu coração pertenceria àquele que conseguisse vencê-la num desafio. Inúmeros pretendentes tentaram a vitória, mas, inutilmente. Maria do Riachão era infernal...

Transcrevemos, aqui, um dos desafios travados entre Maria do Riachão e o famoso João Serrador:

Serrador: Maria, chegô a hora  
É bem boa a ocasião  
Vem comigo, vamo embora  
Maria do Riachão.

Maria: Olha bem prá minha cara  
E vorta logo prá traz...  
Aqui nêgo ruim não pára  
Pensa bem no que tu fz...

Serrador: O que eu digo eu arrepiro  
Porque nasci brasileiro  
Você não escutô o grito  
Que deu “seu” Pedro Primeiro.

.....

Maria: Eu já disse duma feita  
Que não sabia mentí  
Tenho a cabeça prefeita  
De nada nunca esquici.

Serrador: Eu tamém tudo me alembro  
Não aprendi a esquecê...  
Foi pelo fim de dezembro  
Que eu me perdi por você.

Maria: Se você ficô perdido  
É porque ninguém te qué...  
Agora toma sentido:  
Não te meta com mulhé.

Serrador: Cum home é que eu não me meto  
Pruque eu sô home, também  
Prefiro virá gravêto

Mas hei de sê o teu bem.

Maria: Seu cara de orangotango  
Vai puxá carro de bois...  
Daqui a pouco eu me zango  
E tu te queixa depois.

Serrador: Sô cara de quarqué bicho  
Você pôde me xingá...  
Mas quero tê o meu capricho  
Maria, vô te beijá.

Maria: Por causa de teu capricho  
Vai recebê a lição  
Apezá de tu sê lixo  
Vô te metê minha mão.

(Maria dá uma bofetada em Serrador)

Serrador: Tu tem sangue de serpente  
Mas isso não fica assim...  
O diabo é meu parente  
E vai se vingá por mim.

Maria: Minha cabeça não nega  
Vai te embora, cantadô...  
Enquanto eu não ficá céga  
Hei de ver bem o amô!

A partir da fonte consultada, será difícil provar a autenticidade deste desafio. Parece-nos que, pelo menos, ele foi reescrito e atualizado (possivelmente, na década de 20). Em todo caso, “Maria do Riachão” constitui-se, pelo tipo de verso e rima, num bom exemplo de desafio paulista, antes da penetração da sextilha nordestina, e sobretudo, uma demonstração da existência bem provável de cantadores de sexo feminino.

Mais tarde, já no ano de 1938, temos um caso bem comprovado de autoria feminina. Trata-se de **Maria das Neves Batista Pimentel**, filha do conhecido poeta e editor Francisco das Chagas Batista e mãe do pesquisador Altimar Pimentel. Ela, no entanto, não ousou utilizar-se de seu nome de batismo e assinou suas obras como **ALTINO ALAGOANO**. Conhecemos, pelo menos três trabalhos desta autora: O Corcunda de Notre Dame, As Mocinhas de Hoje – As Meninas das praias de banhos (Publicados num só volume de 32 p.), O violino do diabo ou o valor da honestidade (47p.) e O amor nunca morre. A esta autora foi dedicada uma tese de mestrado por Maristela Barbosa de Mendonça com o título de Uma

voz feminina no mundo do folheto.(MENDONÇA, M. 1993). Maria das Neves Batista Pimentel, desde pequena, trabalhou na tipografia de seu pai e casou-se com o poeta Altino de Alencar Pimentel, natural de Alagoas. Foi a partir deste fato que ela adotou o pseudônimo **Altino Alagoano**, pois, segundo seu próprio depoimento:

“Todos os folhetos que foram vendidos na Livraria de meu pai ou que foram impressos, tinham nome de homem, eram homens que faziam, não existia naquele tempo, folheto feito por mulher, e eu, para que não fosse a única, né?, meu nome aparecesse no folheto, não fosse eu a única, então eu disse:

- Eu não vou botar meu nome
- Aí meu marido disse:
- Coloque Altino Alagoano.”

Ela própria nega a autoria de As mocinhas de hoje. As meninas nas praias de banho, por considerar esta obra de cunho licencioso. (MENDONÇA, 70) Em todo caso, podemos verificar a dificuldade que era encontrada naquela época por uma mulher autora de literatura de cordel.

Para isso basta comparar os versos iniciais de O corcunda de Notre Dame com As mocinhas de hoje:

A história que vou narrar  
Leitores, prestem atenção  
É de uma linda cigana  
Que prendeu o coração  
De Cláudio, o padre martir,  
E de Phebo, um capitão

E:

Leitor, o século é de luz  
Tudo hoje é natural,  
Quem vive com santidade  
Termina acabando mal  
É preciso que sigamos  
Da vida a róta fatal.

O que mais importa para este relato é que temos um exemplo comprovado de autoria feminina na literatura popular em verso. Mais tarde, no Dicionário Bio-Bibliográfico de Repentistas e Poetas de Bancada de Átila Augusto F. de Almeida e José Alves Sobrinho, publicado em 1978, (8) vamos encontrar entre cerca de 1.000 poetas citados, 36 mulheres cantadoras e/ou poetisas de bancada. Doze, no entanto, são fictícias, de modo que sobram 24, ou seja, 2,4%.



Já no ano de 2002, em nossa coleção de 16.000 folhetos, com cerca de 2.000 autores, vamos encontrar 111 mulheres que, juntadas às citadas por Átila de Almeida (menos as citadas por ambos) darão um total de 125 autoras do sexo feminino: 111 (Luyten) + 14 (que somente aparecem em Almeida) = 125. Isso dará uma porcentagem de 6%.

Isso significa que, nos últimos 24 anos, a porcentagem de autoras femininas subiu de 2,4% a 6%.

Como nós mantemos constante correspondência com autores de editores de todo o Brasil, é interessante notar que, no início de outubro p.p., recebemos um pacote do poeta paraibano Manoel Monteiro de Campina Grande, PB, com 20 folhetos, dos quais 6 eram de 3 autoras femininas, sendo que nenhuma delas constava de listagem anterior. Temos, assim, uma porcentagem de 30%.

Vemos, assim, que o número de autoras de literatura de cordel tende a aumentar vertiginosamente, mesmo sem levar em consideração esta última remessa. Atribuímos este fato à urbanização das camadas populares brasileiras e ao papel que a mulher preenche cada vez mais em todos os segmentos de profissão, antes quase que exclusivamente ocupados por homens.

Não somente o número de poetisas é de assombrar mas também os conteúdos dos poemas que primam pelo observar atento da realidade socio-política do país.

Em um estudo recentíssimo de Maria José Oliveira (orientanda nossa com dissertação defendida na UMESP em setembro de 2002, com o título de Benditos sejam – Uma nova maneira de perceber a Literatura de Cordel)(OLIVEIRA,m. - 2002), temos uma explanação detalhada de um grupo de jovens poetisas de cordel de Juazeiro do Norte, CE, que se intitula **Os Mauditos**. Esta sociedade, que se iniciou por volta de 2000, é composta de doze poetisas, dos quais quatro são mulheres, portanto, a terça parte. São elas: Fanka, Camila Alenquer, Edianne Nobre e Salete Maria da Silva.

Segundo eles, a palavra “maudito” significa:

“... uma ironia aos professores acadêmicos e puristas que elegeram em tipo específico de pessoa/poeta para fazer o cordel, que seria por excelência o representante legítimo desse fazer artístico, como se a poesia tivesse um dono. Neste sentido nossa ironia é dizer que nosso cordel é mal feito, mal elaborado (ou seja, que para ser bem elaborado tínhamos que respeitar a visão de mundo dos poetas clássicos do cordel, presos a uma ideologia centrada numa memória, num imaginário social.” (OLIVEIRA, M. p.93)

Os objetivos da Sociedade dos Cordelistas “Mauditos”, segundo sua fundadora Fanka são os seguintes:

- . Diversificar os códigos estéticos na literatura de cordel;
- . Trabalhar com a intertextualidade;
- . Divulgar a literatura de cordel;
- . Lançar na região e no Brasil a “*Sociedade dos Cordelistas “Mauditos”*”;
- . Buscar na cultura da região os elementos para composição do nosso movimento “maudito” que se desdobra em shows, recitais, exposições e mesas redondas;
- . Criar novas formas visuais no cordel;
- . Denunciar os costumes populares reacionários como a visão do negro, da mulher, do homossexual etc;
- . Incentivar a leitura de poesias.

Entre os exemplos de luta pela emancipação da mulher, lembramos o trabalho da “maudita” **Salete Maria da Silva** em Cordelirando:

Escrevi sobre mulher  
O meu tema preferido  
Compreenda quem quiser  
Pois meu verso é atrevido  
Denuncio a violência  
Dou nome à incompetência  
*Quero o machismo banido.*

Outro caso representativo da nova posição da mulher na sociedade hodierna pode ser encontrado no folheto de **Maria de Fátima Coutinho**, intitulado A Vida da Mulher (Campina Grande, agosto de 2002):

A vida da mulher hoje  
É pior que no início  
Ela assumiu mais trabalhos  
Eenfrentou precipício  
Pensando que assim fazendo  
Saía do sacrifício.

Em nome da independência  
Por que tanto trabalhou  
Além de dona de casa  
Lá fora também lutou  
E em vez de independente  
Só mais trabalho ganhou.

A mulher trabalha fora,  
Em casa trabalha mais  
Onde cuida do marido,

Dos filhos e aliás  
Se tiver gato e cachorro  
Cuida desses animais.

A igualdade que ela  
Perseguiu com tanto ardor  
Transformou-se em trabalho  
E duplicado labor  
Como se o trabalho em casa  
Não tivesse seu valor.

Corre do quarto pra sala  
Varre aqui, varre acolá,  
É da vassoura pra pá  
Sendo escrava da família  
Que descanso não lhe dá.

Leva o filho à escola  
Ao médico se está doente,  
Prega botão, cirze roupa  
Passa à ferro diligente  
E ainda leva bronca  
Se a xepa não estiver quente.

É quem faz os pagamentos  
De farmácia e armazém,  
De água, luz, telefone  
Controla os gastos também  
Que todo mundo utiliza  
Sem perguntar donde vem.

Na feira ou supermercado  
Tem que ser economista  
Porque o dinheiro pouco  
Tem que dar pra toda lista,  
Para fazer tal milagre  
Tem que ser malabarista.

Isso tudo ela faz  
Antes da luta campal  
Em balcão, como doméstica,  
Em escola ou hospital,  
Corre para feira e volta  
Cansada como animal.

Chega o marido lampeiro

Do seu trabalho “pesado”  
Em casa não faz mais nada  
Dizendo que está cansado  
Já a mulher não descança  
Nem em dia feriado.

Entre o café da manhã  
O almoço e o jantar  
A coitada corre tanto  
Sem tempo de suspirar,  
Quando se deita de noite  
Só pode o sono chegar.

O marido descansado  
Chega em casa bem tranquilo  
Pega um “drink”, toma banho  
Quer um jantar de estilo,  
Olha TV, cai na cama  
Pensando em fazer aquilo.

Por estar muito cansada  
Tem dias que ela não quer  
O marido aí inventa  
Uma discussão qualquer  
E vai procurar na rua  
Os braços doutra mulher.

A união que um dia  
Era um pavilhão coberto  
Por essas e outras vai  
Ficando igual um deserto,  
O amor se desgastando  
Nada mais pode dar certo.

Todo sonho acaba quando  
Quem está dormindo desperta  
A realidade entra  
Encontrando a porta aberta  
E um amor maltratado  
A indiferença desperta.

O homem muito egoísta  
Não vê o que aconteceu,  
Aquela garota tola  
Ficou mulher e cresceu  
Percebe que tem direito

Do mesmo tanto do seu.

Começa a lutar por ele  
E a confusão começa,  
O marido não aceita  
Ver a mulher entrar nessa,  
Porque essa liberdade  
A ele pouco interessa.

A frustração é total  
Na rua, em casa, no leito  
Onde o homem quer mandar  
E usar de todo jeito,  
Esteja certo ou errado  
Só ele é que tem direito.

A mulher que lutou tanto  
Vê que não adiantou  
Porque o homem que ama  
Dela inteira se apossou,  
Os direitos que ela tem  
Ele nunca respeitou.

Se a mulher for solteira  
E um parceiro encontrar  
Vai passar por tudo isso,  
Viver junto é se casar  
Sem esquecer que a luta  
Temos que continuar.

Liberdade! Liberdade!  
Inda que seja tardia,  
Mulheres vamos lutar  
Porque chegará o dia  
Que hão de reconhecer  
A nossa real valia.

Homem sem mulher padece  
Mulher sem homem é penar  
A mulher aspira apenas  
Ao homem se igualar  
Pois o direito de todos  
É amar, viver, gozar.

Dois pesos, duas medidas  
Lei que vem sendo aplicada

Para obedecer ao homem  
A mulher é educada  
Onde o homem pode tudo  
E a mulher quase nada.

O homem quando adultera  
É chamado de machão  
A mulher se sai da linha,  
Cria grande confusão  
Como se apenas os machos  
Fossem donos da razão.

A mulher precisa e quer  
O direito de escolher,  
A vida que quer levar  
Com quem deseja viver  
Nisso a mulher tem direito,  
Ter direito é ter poder.

O coração da mulher  
É um templo de bondade  
Tem muito amor para dar  
A toda sociedade  
E só pede em troca um pouco  
De carinho e igualdade.

É certo que do passado  
Pra cá nós já conseguimos  
Quebrar diversos tabus  
Mas ainda prosseguimos  
Buscando novas conquistas  
Não pensem que desistimos.

Homem que bate em mulher  
Atira ou corta de faca  
Fazendo essa perversão  
Não pense que se destaca,  
A parte fraca é quem diz  
Que mulher é parte fraca.

Homens deste meu Brasil  
Parem e pensem um instante:  
Cuidem das mulheres como  
Se cuida dum diamante  
Pois mulher foi e será  
Amiga, amada e amante.

Vocês precisam de nós  
Só não vê quem não quer vê,  
Quem ama nunca maltrata  
Nem se humilha, se diz que:  
MULHER, a partir de hoje  
NÃO MALTRATO MAIS VOCÊ.

Este folheto é apenas um dos muitos exemplos da literatura de cordel moderna, feita por mulheres. Devido às novas condições socioeconômicas do Brasil, torna-se evidente que o machismo, especialmente, o ligado às condições de vida rural e ligada à agro-pecuária, já não é o ideal para a população feminina que está em busca de outros ideais, outros rumos, outra valorização de seus direitos.

## **BIBLIOGRAFIA**

ALMEIDA, Átila Augusto F. de & ALVES SOBRINHO, José. Dicionário Biobibliográfico de repentistas e poetas de bancada. João Pessoa, Editora Universitária, 1978. (Vol. I) (316p.)

AUGER, Françoise. “Nomadisme poétique au Brésil – Lourdhina de Oliveira, femme troubadour.” In: Nomades et vagabonds (Coll. Cause Commune) Paris, Union Générale d’édicions, 1975.

BENJAMIN, Roberto E. C. “Folhetos populares – intermediarios no processo de comunicação.” In: Comunicações e Artes 1/1970. São Paulo, ECA/USP, 1970. (201p.)

BOTTEON, Nilza. “No festival das mulheres, uma personagem incrível”. Shopping News, São Paulo, 12.09.1982

CASTELLO BRANCO, Lúcia & BRANDAO, Ruth Silviano. A mulher escrita. Rio de Janeiro, LTC, 1989. (172p.)

CORDEL, uma literatura antifeminista. In: Folha de São Paulo, São Paulo, 27.06.1977.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. Cordel – Leitores e ouvintes. Belo Horizonte, Autêntica, 2001. (239p.)

JOSÉ, Severino. (Zacarias José dos Santos). “A presença da mulher na literatura popular em versos (Cordel)”. In: Primeira Hora, Vicente de Carvalho SP, 12.03.1998.

LOPES, Ribamar. “Fala cordel – Mulher e mãe – A louvação dos poetas de cordel.” O Povo. Fortaleza, 13.05, 1994.

LOPES, Ribamar. “Fala cordel – A mulher é o tema.” O Povo. Fortaleza, 10.03.1985.

LOPES, Ribamar. “Fala cordel – A mulher na literatura de cordel.” O Povo. Fortaleza, 15.01.1984.

LOPES, Ribamar. “Fala cordel – O namoro nos folhetos populares.” O Povo. Fortaleza, 09.06.1994.

LUYTEN, Joseph M. A literatura de cordel em São Paulo – Saudosismo e agressividade. São Paulo, Edições Loyola, 1981. (208p.)

MENDONÇA, Maristela Barbosa de. Uma voz feminina no mundo do folheto. Brasília, Thesaurus, 1993. (240p.)

OLIVEIRA, Maria Francinete de. A representação da mulher na literatura de cordel. (Dissertação de mestrado) Porto Alegre, PUCRS, 1981 (96p.)

OLIVEIRA, Maria José. Benditos sejam – Uma nova maneira de perceber a literatura de cordel. (Dissertação de Mestrado – Orientador: Joseph M. Luyten). São Bernardo do Campo, UEMESP, 2002. (162p.)

TAHAN, Ana Maria B. “A mulher na literatura de cordel.” Folha de São Paulo, São Paulo, 20.11.1974.

TENORIO-PONTES, Walter. Machismo - Literatura de cordel. Lisboa, Edições Rolim, c.1978. (122p.)

VASCONCELLOS, Francisco de. “Feliciano Melo Martins de Matos.” (Maranhão) Encontro com o folclore II(15) (Pesquisa feita em 1968). Rio de Janeiro, 1971/2.

VIANNA, Hildegardes. “A mulher vestida de homem” (Versões baianas) in: Revista Brasileira de Folclore III(6):177-193. Rio de Janeiro, CDFB, 1963.

**Palavras-chave:** Machismo, Feminismo, Literatura de Cordel, Folkcomunicação, Cordel Urbano, Mulher na Literatura de Cordel



JOSEPH M LUYTEN – Doutorado em Ciências da Comunicação pela ECA-USP, Pós-doutorado no Japão, Crítico de Artes Plásticas pela AICA-UNESCO, Autor de numerosos artigos e livros sobre Literatura de Cordel e Folkcomunicação. (O que é Literatura Popular, Sistemas de Comunicação Popular, Literatura de Cordel – Saudosismo e Agressividade, A Notícia na Literatura de Cordel). Ex-reitor da Teikyo University Holland. Lecionou na ECA-USP, ESPM, no Japão, Holanda e França. Atualmente é professor de Pós-graduação em Comunicação da UMESP e UniSantos.